

Revolução

**CONTRA O DESEMPREGO
PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA
DOS TRABALHADORES**



PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO · BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

A ESCALADA ANTICOMUNISTA CAMARADAS,

A burguesia, apavorada, pelo avanço das forças progressistas, tenta por todos os meios, obstar esse avanço, opondo à grande massa dos explorados todas as suas potencialidades, desde a hostilização ao processo democrático e antifascista, até à infiltração de Partidos autoproclamados dos trabalhadores, tudo isto ajudado pela actuação incorrecta do Reformismo, que prefere jogar na política da conciliação de classes, a pôr-se decididamente ao serviço da Revolução.

Por uma tomada de posição radical, seguem a reboque desse jogo, os partidos reclamando-se do anti-revisionismo e do anti-reformismo que, por falta de implantação nas classes trabalhadoras, substituem a luta de classes pela luta sectária anti-PCP.

Há pois, uma aliança tática entre os sectores da burguesia reacçãoária e certos grupos da Esquerda Radical. Esta aliança é provocada principalmente pelo reformismo do PCP e aliados e por posições direitistas e antiproletárias dos "marxistas" do P. S., tudo isto em nome do elitismo, que ambos os Partidos se reivindicam terem um lugar preponderante no governo do estado burguês.

A acção nitidamente fascista dos sectores mais reacçãoários da burguesia, representados pelo clericalismo, nas áreas rurais e aparecimento de partidos fascisantes, encobertos com o falso manto de democratas ou mesmo de socialistas, vem tornar-se um complemento precioso da acção reformista dos partidos tradicionalmente operários e com o jogo eleitoralista dos grupos ditos revolucionários. A luta de classes é relegada para segundo plano, colocando-se prioritariamente as alianças de circunstância, o confronto de rivalidades partidárias que, em nada servem a classe que dizem representar e que servem, objectivamente a classe dominante. Desde os recuos "tácticos" segundo os seus dirigentes, do PCP até à institucionalização dos partidos reacçãoários, toda uma movimentação antiproletária tem sido efectuada, castrando a organização autónoma da classe trabalhadora, com vistas à sua tomada de poder.

Sem rigor cronológico, apontamos uma série de sucessos que denunciam a crescente organização da burguesia e a caminhada para o descrédito das organizações populares, causado pelo reformismo e o ultra-esquerdismo.

Assim, começemos por nos referirmos à retirada da expressão "ditadura do proletariado" do programa do PCP. Esta posição directamente desmascara a sua face de partido reformista e legaliza de facto toda uma prática anterior,

caracterizada pelas actuações antioperárias nas lutas autónomas da classe. O PCP, em nome do caos económico (da burguesia) desvirtuou, caluniou e sabotou todas as lutas que lhes escaparam ao seu controlo, garantindo o seu lugar num governo de coligação, posto à sua disposição pela classe dominante.

O lugar privilegiado de que o PCP goza junto das classes trabalhadoras, suscita uma rivalidade no PS que, com jogo sujo tenta subtrair essa inferência, exibindo uma fachada democrática e atraindo alianças dos mais heterogêneos sectores.

Não nos iludamos: ainda consideramos o PCP como um partido operário, que degenerou por condições objectivas: 1) Essa degenerescência não foi causada pela traição dos dirigentes, como sustentam os chamados marxistas-leninistas. É uma característica dos partidos alinhando por Moscov, que aceitam a alteração surgida após a Revolução Russa, pela transformação da Ditadura do Proletariado, numa aliança do proletariado com o campesinato e a pequena burguesia, que lhe deram um cariz social-democratizante.

2) Outros factores são externos à realidade portuguesa, como seja o tratado de Tordesilhas EUA - URSS e o diferendo sino-soviético.

Por todas estas razões o PCP entrou no jogo parlamentar burguês com vistas à hegemonia do Partido e não à tomada do poder pelos trabalhadores. O PS é de facto um partido da burguesia que, embora se reclame do marxismo, é na realidade, um agrupamento social-democrata, refletindo a ideologia dos seus comparsas da II Internacional, onde alinham partidos democratas-burgueses, como os dos Países da Europa Central e Nórdica até partidos imperialistas e reacçãoários, como os Trabalhistas de Israel.

Não é por oportunismo, mas sim por refletir uma posição de classe, que Mário Soares, afirmou recentemente que "O PS não tolerará qualquer ditadura, incluindo uma ditadura de estitucionalização dos partidos". Isto significa que os pseudo-marxistas do PS, revivem as teses do seu camarada Kautsky, negando a ditadura do proletariado, colocando-se como defensor da democracia-burguesa. É nesta perspectiva que consideramos o PS como um partido burguês, servindo objectivamente a burguesia.

Dentro da escalada anti-comunista, incluímos os partidos da pequena-burguesia radical, que proliferam de certo modo marginalizados no processo político decorrente. O seu ódio (ou frustração) em relação ao PCP fá-los alinhar com os seus inimigos de classe, confundindo (?) Fascismo com Revisionismo, aos

arquivos da história, e gritam aos sete ventos que "social-fascismo" é pior que fascismo". E com estes "slogans" ganham efectivamente apoio, mas não o apoio desejado das classes proletárias, mas sim dos sectores mais reacçãoários da burguesia, por não apresentarem uma alternativa entre fascismo, reformismo e democracia-burguesa. Referimo-nos objectivamente à chamada AOC (Aliança Operária Camponesa), forjada para competir nas eleições burguesas. Este grupo alinha com as posições divisionistas do PS, quanto à controversa unicidade sindical, pondo os militantes daquele partido a gritarem historicamente palavras de ordem anticomonistas, repetindo até à exaustão o ataque ao "social-fascismo". É de certa forma elucidativa, a presença neste comício de simpatizantes de grupo de direita, como o PPD ou o CDS.

E o palavrão pegou: em comícios, em Assembleias sindicais surge o chavão "o Fascismo passou, o social-fascismo não passará". Agora, no PPD, depois em Assembleias gerais de sindicatos (vide última A.G. dos Bancários) e os esquerdistas da nossa praça, saem realizados por mais uma etapa na luta contra o reformismo e o revisionismo. Entretanto, as classes trabalhadoras ignoram esses devotados "defensores", vão-se organizando autonomamente, sem pedirem licença aos "seus" partidos, e fazendo na prática a Revolução.

Perante esta tragicomédia burguesa-revisionista-reformista-esquerdista, a reacção organiza-se e ganha foros de legalidade, aparecendo como uma força que defende os seus privilégios, coerentemente, aproveitando as ridículas lutas intestinas dos "democratas", com o aval governamental, empenhado na institucionalização de uma ordem burguesa pluralista.

A Democracia Cristã escolhe

Sedes

LISBOA — Rua do Arco do Carvalhão, n.º 1, 5.º-Dt.
Tel. Jornal "Revolução" 682323
Contacto Partido: 680960

PORTO — Rotunda da Bonvista, n.º 76, 3.º-Esq.
Tel. 695080

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

ALGÈS — Rua Victor Duarte Pedrosa, n.º 15
— Algès de Cima

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 D e C

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, n.º 6

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

Abriremos brevemente ao público sedes do PRP-BR nas seguintes localidades:
BEJA, LAVRADIO, BARREIRO, SETÚBAL, MANGUALDE e VISEU.

para seu Secretário-geral o Major Sanches Osório, figura bastante conhecida pela sua intervenção na tentativa de golpe de força reacçãoário do 28 de Setembro. A PSP e a GNR protegem o Comício dos fascistas do CDS, disparando sobre o povo que, justamente tentava boicotar esse comício.

E mais uma vez os reformistas, os burgueses e reacçãoários de todos os matizes aparecem a pôr água na fervura, condenando a acção revolucionária das massas: Cunhal declara que leu o Programa do CDS e chegou à conclusão que aquele partido não era fascista. E nós dizemos:

"n.º Camarada Cunhal nós também lemos o programa do PCP e chegámos à conclusão que não é Comunista".

O comunismo constro-se pela Revolução Socialista, segundo um processo em que a tomada do poder e o exercício desse poder serão feitos pelo proletariado, organizado em comissões proletárias (soviets) de empresa e de bairros. As comissões proletárias são eleitas por toda a massa sem distinção entre filiados ou não-filiados partidariamente.

Os eleitos são-no enquanto proletários mais conscientes e merecedores da confiança da classe e não por pertencerem a este ou aquele partido.

A assembleia de empresa ou de bairro é o órgão máximo deliberativo por excelência.

Tem de existir um estreito controlo da cúpula pela base, o que torna os eleitos revogáveis pelas bases.

Para finalizar, queremos lembrar o que Lenine escreveu em 1905, no livro "Duas Tácticas":

O proletariado deve levar a cabo a Revolução Socialista, atraindo a si as massas de elementos semiproletários da população, a fim de quebrar pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade dos camponeses e pequena burguesia.

O QUE É A NATO!

Segundo declarações do comodoro Henrique de Noronha, 2.º comandante da área Ibero-Atlântica, "a NATO é uma força de paz, que consciente do seu papel defensivo terá forçosamente de efectuar exercícios". E diz-nos mais: "a NATO não tem intenções agressivas, pois desde a sua fundação nunca aumentou um metro quadrado à sua zona de influência nem nunca interveio militarmente noutro país".

Quem sempre ouviu dizer mal da NATO e desconhece o processo de formação deste organismo político e militar imperialista e algumas das suas acções indirectas contra os povos coloniais que lutam pela independência nacional, talvez fique um pouco admirado e confundido. E não é de estranhar, visto que até o próprio Mário Soares, secretário-geral do chamado Partido "Socialista", nos diz que só atacava a NATO porque ela dava apoio ao regime fascista. Agora que o governo fascista já foi deposto, a NATO, segundo este senhor já não é tão mal como tudo isso. Antes pelo contrário, até é um organismo de defesa da civilização ocidental. Com estas afirmações, talvez ele nos queira dizer que o único regime reaccionário que a NATO apoiava era o regime português. E mais ainda: que se deve defender a civilização ocidental. Ora se a civilização ocidental é baseada no capitalismo, na exploração de milhões de trabalhadores por uma minoria de privilegiados, das duas uma:

— ou esta exploração é justa e o Sr. Mário Soares tem razão.

— ou o capitalismo é sinónimo de injustiça social, e há que combatê-lo com todas as nossas forças. Combate esse que passa também pela destruição de todos os partidos burgueses, que com o fim de enganar os trabalhadores e desviá-los do seu objetivo imediato, o socialismo, se vestem cada vez mais com fatos de gança: o PPD com o seu "socialismo democrático" e o PS com o "socialismo em liberdade".

Mas vejamos agora o que é a NATO.

A NATO é uma associação política e militar que reúne vários países capitalistas e imperialistas, sob o comando do maior inimigo da paz e da liberdade, do socialismo e do comunismo: o Governo dos Estados Unidos da América.

Para além deste país, vários outros países imperialistas compõem a NATO, como por exemplo a Inglaterra, a Holanda, a Dinamarca, a Itália. Juntamente com estes baluartes do imperialismo, alinham alguns aliados de segunda classe, mas de inestimável valor dada a situação geográfica que ocupam: Portugal, Grécia, Turquia, Islândia, Noruega, Luxemburgo, Bélgica.

Notamos aqui a falta de alguns países capitalistas, como por exemplo a França, a Espanha, etc... Será que a NATO se formou para defender os seus membros de possíveis ataques por parte desses países? Não, porque com eles existem alianças bilaterais de auxílio técnico-militar: aliança hispano-americana, aliança anglo-francesa, etc...

Se soubermos agora que foi em 1949, uma altura em que ninguém ameaçava a Europa Ocidental, que este bloco de Estados criou uma máquina de guerra agressiva e unificada e que ela não iria ser empregue contra os outros países capitalistas com quem tinham acordos bilaterais, incluindo o Japão, qual será então a finalidade desta organização?

Em primeiro lugar uma santa aliança dos países capitalistas contra todos os que de uma forma mais ou menos progressista se opõem à sua sede de exploração e opressão: os países do Pacto de Varsóvia, os países do Terceiro Mundo, os movimentos de li-

bertação nacional, os países de democracia popular, o movimento operário internacional.

Em segundo lugar o aumento de dependência dos países europeus ao seu principal mentor e "leader", os Estados Unidos.

Essa dependência chega ao ponto de ser permitido aos Estados Unidos colocar no território dos seus membros europeus um sistema de bases militares e pontos de apoio, americanos ou "conjuntos", enquanto nenhuma base europeia ou "conjunta" existe nos Estados Unidos. Significa isto que os Estados Unidos têm sob o seu controlo os territórios europeus, as suas reservas humanas e materiais, e está na mão dos seus dirigentes a entrada ou não destes países na guerra.

Sendo portanto os Estados Unidos os "donos" da NATO e ao mesmo tempo um país altamente agressivo (basta lembrarmos-nos das invasões ao Vietnam, ao Camboja, entre tantas outras) como é que se pode dizer que a NATO será uma organização de

paz?

E o fornecimento de material de guerra em aviões, helicópteros, navios, espingardas, granadas, napalm, mísseis, etc, etc, que foi utilizado contra os povos das colónias. Terá este fornecimento sido feito em defesa da paz? E os cursos militares dados a oficiais portugueses visavam também a paz? Mário Soares ao esforçar-se por justificar a sua complacência (amos dizer! cumplicidade...) para com o imperialismo, argumenta com o passado da NATO, o que nos leva a perguntar: 1.º Se esta poderosa máquina de guerra não é perturbadora da paz, então a que força militar — necessariamente ofensiva — se destina a opôr-se? É ou não a NATO um poderoso instrumento de opressão utilizado pelos Estados Unidos contra os seus próprios aliados imperialistas, o que esteve na origem das atitudes de De Gaulle ao retirar a França da NATO e a opôr-se à Entrada da Inglaterra para o Mercado Comum Europeu? O facto de a NATO nunca ter interveio abertamente, exclui a in-

tervenção indirecta (vidé colónias portuguesas)? Já alguma vez a NATO, durante toda a sua existência, coexistiu com uma tão profunda crise do imperialismo, isto é, já alguma vez a sua intervenção em "defesa" de posições imperialistas se terá "justificado" como hoje?

É, pois, esta tenebrosa máquina de guerra que treina em Portugal. É esta ameaça que os trabalhadores portugueses não podem ignorar, e para a qual existe uma única defesa eficaz: a grande mobilização numa ampla frente anti-imperialista, a mobilização de milhões de homens dispostos a morrer de armas na mão em caso de agressão imperialista. Só assim se garantirá a não intervenção, só assim a mobilização das classes trabalhadoras em Portugal se estenderá aos restantes países do mundo em geral e da Europa em particular, e de que Cuba, em 1962, constituiu o melhor dos exemplos a seguir.

É necessário que, a exemplo do que aconteceu em numerosas empresas, os trabalhadores exijam e imponham a retirada de Portugal da NATO.

CONTRA O DESEMPREGO APOIEMOS A MANIFESTAÇÃO

A manifestação contra o desemprego convocada pelos trabalhadores da Efacec-Inel e outras empresas tem sido caluniada grave e provocatoriamente nas últimas horas, motivo pelo qual o PRP-BR denuncia mais esta manobra que se integra em toda uma escalada contra os trabalhadores e declara o seu apoio àquela manifestação, respeitando no entanto o seu carácter apartidário.

Esta manifestação, que não só é convocada na base da luta contra o desemprego, mas que integra esta luta no combate contra o sistema capitalista, é neste momento organizada e apoiada não só pelos trabalhadores da Efacec-Inel mas por comissões de trabalhadores que atingem várias dezenas das principais empresas da região de Lisboa e Setúbal, apoiadas na maior parte dos casos na deliberação das assembleias gerais.

Pois é esta organização, da responsabilidade de comissões eleitas e realmente representativas de milhares de operários, que se refere um comunicado emanado hoje dia 5 da União dos Sindicatos do Sul, comunicado infame de cuja autoria os trabalhadores têm de pedir responsabilidades. Dando a manifestação convocada por «anónimos» e comparando-a à «manifestação da maioria silenciosa de 28 de Setembro», o citado comunicado denuncia-a à opinião pública e incita esta a que a combata. Este comunicado, beneficiando do domínio de alguns órgãos de informação por determinado partido reformista, foi lido integralmente de meia em meia hora aos microfones do R. C. P. pelo menos durante quatro vezes, além de beneficiar da respectiva publicidade no programa «Alavanca», pago com o dinheiro que os trabalhadores descontam para os sindicatos (e para o que não foram decerto consultados).

A Intersindical e a tendência que aí predomina, vendo que perdem terreno não só na base dos trabalhadores (onde tal vem a suceder aceleradamente desde o 25 de Abril), mas nos próprios sindicatos (veja-se a vitória das listas B dos CTT e dos Bancários do Norte, a integração dos Plásticos nos Químicos e outras que se aproximam), lança mão de processos provocatórios que se podem transformar rapidamente em actos contra-revolucionários. A organização de comandos de assalto à Assembleia dos Químicos, o processo inquisitorial de expulsão do Presidente da Assembleia Geral e do Secretário da Direcção dos Metalúrgicos do Sul, o presente comunicado da União dos Sindicatos do Sul, fazem parte duma escalada organizada.

Esta escalada provocatória integra-se no bloqueio próprio de organizações sociais-democratas que sentem aproximar-se os dias do confronto final com a burguesia, confronto esse que querem a todo o custo travar.

Os partidos reformistas, como o P. S. e o P. C., que em nada se incomodam de organizar manifestações e contra-manifestações que apenas significam a luta pelo poder e que criariam, essas sim, terreno propício a golpes reaccionários, empregam todas as suas energias para combater tudo aquilo que não controlam e que é revolucionário. Dispostos a baterem-se uns contra os outros nas ruas de Lisboa, juntaram no entanto as vozes (o PPD, o PS o PC, o MD-P/CDE e o MES) para combaterem a manifestação do Porto contra o partido fascista CDS. Hoje é pela boca da União dos Sindicatos do Sul que os trabalhadores vêm ser insultados e caluniados.

Quem é que representa realmente os trabalhadores: direcções de cúpula ou as comissões eleitas em assembleia geral de fábrica? Quem decide pelos trabalhadores: os delegados das direcções sindicais que vão à Intersindical decidir assuntos fundamentais sem consultar os trabalhadores ou as assembleias de empresa com milhares de trabalhadores? Quem pode falar em nome dos trabalhadores: partidos que apenas se representam a si próprios, ou os trabalhadores e as suas organizações autónomas?

Há que pedir responsabilidades e já à União dos Sindicatos do Sul! Os trabalhadores não podem deixar campo livre à manobra e à má-fé.

O PRP-BR considera no entanto que os organizadores da manifestação têm de tomar em consideração a permanência em Lisboa das forças da NATO (que são uma provocação do Imperialismo) no sentido de serem tomadas medidas táticas anti-provocatórias. A boa organização e condução desta manifestação dos trabalhadores da Efacec-Inel e de outras empresas pode e deve transformar-se numa grande demonstração contra o desemprego e contra o capitalismo, nascida das bases, autónoma e apartidária.

Só a organização revolucionária dos trabalhadores pode conduzir à vitória sobre a burguesia e à tomada do poder para a instauração do socialismo. Só a organização revolucionária do proletariado pode vencer aqueles que usam todas as armas para controlar os trabalhadores e conciliar as classes.

**ABAIXO O CAPITALISMO!
ABAIXO A SOCIAL-DEMOCRACIA!
CONTRA O DESEMPREGO!
PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DOS
TRABALHADORES!
PELA DITADURA DO PROLETARIADO!
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!**



SOBRE O «CONGRESSO»

ACONTECIMENTOS E COMUNICADOS DESMASCARAM POSIÇÕES PARTIDÁRIAS

O CDS, partido que agrupa as forças fascistas pretendeu fazer o seu congresso. Mas organizações revolucionárias e a população do Porto impediram a sua realização e para isso travaram um combate com a PSP, que por vezes chegou a ser corpo-a-corpo. Duas dezenas de feridos foi o saldo desta luta, que acabou com uma vitória — o encerramento do congresso do CDS ao fim de poucas horas. A atenção que estava voltada para o perigoso jogo de futebol PS — PC que estava marcado para dia 31 foi desviada para uma contradição fundamental — a contradição entre o fascismo e os revolucionários, que se afrontaram na rua. Dos vários factos que rodearam este confronto há dados que são adquiridos:

O CDS, junta-se ao PS, ao PC e ao MDP para lastimar o "aventureirismo" e lembrar o perigo da reacção. O PC não considera o CDS um partido fascista. O CDS muito menos se considera. A Juventude Socialista do Porto não alinha com a direcção do PS. Os soldados confraternizaram com os manifestantes no Porto. Mas o PC, o PS, o MDP e o MES querem à viva força ver os soldados e os manifestantes como inimigos entre si, para poderem alicerçar as suas teses de defensores irredutíveis do MFA (se continuarem assim bem comportados ao fim do ano têm um prémio de distinção.)

Os documentos para fundamentar estas afirmações al estão:

(...)"A experiência já vindo-lhe uma ampla publicidade, demonstrou que acontecimentos em vez de contribuírem para o seu destes servem objectivamente a isolamento e desmascaramento direita reacçãoária, promo- políticos"

diz o comunicado da DORN do PCP de 25-1-75. Quanto aos acontecimentos do Porto Álvaro Cunhal, na sua conferência de Imprensa diz:

(...)"trata-se de uma acção provocatória, contrária aos interesses da democracia no nosso país e que serve a propaganda reacçãoária". (conferência de Imprensa do C.C. do PCP em 27-1-75)

E o MDP continua:

(...)"Não merecem igualmente reacção, permitindo-lhes que se solidariedade os grupos políticos apresentem como "mártires da liberdade que, aproveitando-se da forte consciência popular de que o CDS é um partido reacçãoário e representante dos monopólios, conduzem acções aventureiras que levam a criminosos confrontos com as forças armadas e a promoção publicitária dos ataques, acabando afinal por fazer o jogo da

(comunicado do MDP-CDE nos jornais diários 27-1-75)

O PS também diz:

(...)"O PS não pode deixar de condenar todas as violências praticadas e adverte a opinião pública e todas as forças realmente progressistas de que actos desta natureza são de molde a entravar gravemente o actual processo de instauração da democracia em Portugal."

(comunicado do PS nos jornais diários de 27-1-75)

E...o CDS está de acordo

(...)"As vitórias do extremismo assim os intuits reacçãoários do reacçãoário da esquerda estão a ser cada vez maiores, favorecendo

(comunicado do CDS nos jornais diários de 29-1-75)

Não será o CDS um partido fascista?

(...)"No programa do CDS não certo que a sua organização e a sua vemos ideologia fascista, mas é actividade polarizam forças

conservadoras e reacçãoárias. Não grande parte do povo que vê o di go que o CDS é um partido fascista, mas digo que há uma fascista". Diz o secretário-geral do PCP na citada conferência de Imprensa (jornais diários de 28-1-75)

E o próprio CDS desafia quem quer que seja a que se demonstre que nas suas fileiras há "ex-membros notórios da ANP":

(...)"Digam-nos os seus nomes, de saber se noutras organizações partidárias não se encontram, efectivamente antigos dirigentes de organizações políticas do antigo regime."

(comunicado do CDS nos jornais diários de 29-1-75)

Como pertencemos aos "aventureiros" e como servimos a "propaganda reacçãoária" aceitamos o desafio.

(...)"O dr. Augusto Leite de Faria, referindo-se ao momento político nacional observou:

"Todos têm presentes os temas mais insistentemente abordados pelos corifeus da Oposição. Exigindo tudo nos domínios das liberdades individuais, supondo que e nem a mais desenfreada libertinagem os saciaria.

Por outro lado e mais por aquilo que dizem repudiar, facilmente se conclui que a sua linguagem é simulada, obedecendo ao propósito de pregar e defender, de forma anárquica e violenta, o ideário da chamada democracia popular...

Daí que tantos nomes respeitáveis dos movimentos oposicionistas se mostrem afastados da actual maquinaria política dos nossos adversários, manifestadamente importada de Moscovo e de Pequim..."(...)"Não pode conceber-se que, impunemente, se desvirtuem e atraíam os altos interesses degenerados mentores".

O Dr. Augusto Leite de Faria faz parte dos 11 fundadores do CDS e disse

CDS como se ele fosse um partido

de saber se noutras organizações partidárias não se encontram, efectivamente antigos dirigentes de organizações políticas do antigo regime."

nacionais em crise, até ao ponto de se assistir à mais descarada campanha contra a guerra que, em sacrifícios de toda a ordem — de pessoas e de bens — nos vêm impondo nos nossos territórios ultramarinos terroristas comandados por interesses estrangeiros de inspiração vermelha.

Seme lhante orientação, assim pela oposição proclamada, conduzirá pois, ao objectivo ilegal do abandono dos nossos territórios ultramarinos, à destruição da ordem constituída e à transformação da comunidade nacional numa sucursal de qualquer centro de comando de língua russa ou chinesa..."

(...)"Trata-se efectivamente de um organizado movimento revolucionário que, acima de tudo, pretende minar e corroer as estruturas essenciais da Nação, cujo progresso na paz e na justiça faz revoltar de inveja os seus agraíam os altos interesses degenerados mentores".

estas palavras em 19-10-73, não era deputado por esta organização Janeiro de 20-10-73). Na altura não Mas felizmente que as bases do dam a fugir:

(...)"A comissão executiva Juventude Socialista da zona Norte, vem publicamente manifestar o seu repúdio e desacordo com o comunicado da comissão directiva do Partido Socialista em relação à participação da J.S. manifestação de boicote ao congresso do CDS.

(...)"Foram muitos os camaradas do PS que nos apoiaram e deram entender que do cimo e de baixo giram correntes opostas. Não seremos nós quem favoreça reacção ao desmascará-la e a mantelá-la. Parece-nos que quem (Comunicado da J.S. Zona Norte) Como sempre, surge o já estafado o M.F.A.

(...)"Estes confrontos e choques entre elementos das Forças Armadas e civis prejudicam o reforço de uma sólida aliança entre o MDP e a DORN do PCP a respeito (comunicado publicado nos jornais) E o MDP continua:

(...)"Conduzem a acção aventureiras que levam a conclusão do MES:

(...)"Duma forma infantil, própria ao enraivecimento pequeno-burguês, estes manifestantes substituíram a análise da situação de classes e das relações de força pela heroicidade gestual (comunicado publicado nos jornais) Mas desta vez os factos foram desformistas foram desmascaradas.



ASCISTA DO CDS

de propaganda da ANP quando /ila Nova de Gaia (Primeiro de ainda o CDS)

is reformistas da coligação an-
rece são aqueles que pre-
ferem subordinar os interesses da
se operária aos interesses dos
italistas, jogando no terreno
vedição da colaboração de
ses".

.)"Camaradas. Temos de de-
de que lado estamos. Nós
namos e provaremos que
mos ao lado da classe domina-
da classe operária. Que a prá-
de cada um mostre ao que cam-
m se dedica. Colocado s nas
smas circunstâncias,
aremos as mesmas atitudes Em
te pela Revolução Socialista."

nais diários de 29-1-75)

ento do confronto com as F.A. e
ento popular de massas e o
A, base imprescindível do
envolvimento do processo re-
ccionário em Portugal".

acontecimentos do Porto
ios de 27-1-75)

nosos confrontos com as
as armadas(...)"

ntureirista, pretendendo in-
sentalizar massas populares
a confrontação com as Forças
adadas, num momento em que
ara as dividir — é também esse
interesse dos reaccionários".

ios de 27-1-75)

o evidentes. As organizações re-

(...)"Ante a eminência de êxito, a
P.S.P. vem para o exterior, coberta
com intenso tiroeteio, e inicia-se a
carga sobre os manifestantes.

Gera-se uma verdadeira batalha
campal. Gases lacrimogêneos e
granadas de fumo não se fazem
esperar. Como resposta, às pedras
continuam a chover sobre os a
gentes. Cubos de paralelepípedos
arrancados ao pavimento por
mulheres que vão abastecendo os
homens. Chega-se a assistir a
alguns recontros corpo-a-corpo. Os
manifestantes utilizam ainda paus,
matracas, ferros e, mais tarde ac-
bam por lançar "coctails molotov".
As ambulâncias não tardam a
chegar no meio de gritos. O Porto,
que não havia aderido ao
congresso trans formava-se num
campo de batalha, a mais dramá-
tica da última década.

Dos janelas vizinhas são lan-
çados limões para os grupos an-
tifascistas, tentando desta forma
travar o efeito dos gases.

(...)"Finalmente. O Quar-
tel-General envia algumas viaturas
com Polícia Militar. O povo aperce-
be-se disso e corre para os solda-
dos gritando "os soldados são
filhos do povo". Alguns mili taes
são efusivamente abraçados.
Entretanto, os agentes da PSP re-
fugiam-se no interior do palácio,
onde se manteriam — sem in-
tervir — até à saída do último
veículo dos congressistas.

A jornada sangrenta terminava
mesmo ali. A parte mais dramática
dos acontecimentos tinha en-
cerrado com trágicas conse-
quências.

A P.M. (que saíra somente com
bastões a pedido dos seus
elementos segundo nos in-
formaram) teve ainda de enfrentar
algumas situações difíceis,
resultantes dos ânimos esca-
ldantes. Uma outra tentativa de

(Extractos da reportagem do jornal
"A Capital" de 27-1-75)
Mas "A Capital" e outros jornais podem ser suspeitos ("quem não é por
nós é contra nós", nunca se sabe...). Por isso aí vai o respectivo extracto
do comunicado da Região Militar do Porto que é taxativo:

(...)"Quer isto dizer que a
segurança ficou inicialmente, como
é apropriada, entregue às forças
policiais e que as forças militares só
intervieram após ter surgido tal
conveniência, na sequência do
confronto entre elementos da PSP
e manifestantes.

(jornais diários de 27-1-75)

Afinal para o PCP, o MDP e o MES, as Forças Armadas e o M.F.A. são a
PSP e a GNRI Ainda bem! Assim é tudo lógico, porque com os elogios
que tecem diariamente às F.A. e ao M.F.A. andam a "queimar" demasia-
do estas instituições aos olhos dos trabalhadores, o que dificulta a tão
necessária serenidade táctica deste momento.

Quanto à composição de classe dos manifestantes n ao surgiu desta
vez outro argumento habitual ("grupos de estudantes"...). Realmente
seria demais. Entre os doze feridos civis, apenas um é estudante, todos os
outros são trabalhadores.

forçar um dos portões ainda teve
lugar, mas pouco tempo passado já
o diálogo entre o povo e o Exército
se processava, antevendo-se uma
solução sem nova manifestação de
violência.

(...)"A única solução é acabar o
congresso e dissolver o CDS". No
vas diligências empreendidas pelo
major Cerveira, 2.º comandante da
PSP também não resultam, apesar
dos ânimos terem serenado de tal
maneira que permitiram o convívio
entre o povo e os soldados ali
presentes. Cigarros e sandes são
mesmo trocados entre ambos os
lados.

(...)"Finalmente a população
convence-se que o congresso
terminara mesmo. Pedem então à
Polícia Militar para arrear a ban-
deira do CDS de um mastro visível
do exterior. O pedido é satisfeito e
a bandeira veio parar às mãos da
multidão, que a rasga em pequenos
bocados."

(...)"Ouvem-se tiros, há alarido
correrias e limpeza. Por momentos
o espaço em frente ao palácio fica
livre, embora as vozes se con-
tinuem a ouvir para lá das barrica-
das. Largos minutos se passaram
até que a GNR inesperadamente
retira. Elementos da P.M. di-
zem-nos depois que foi uma im-
posição dos militares, insatisfeitos
com aquela "prova de força", os
quais chegaram a fazer cordão
impedindo o avanço daquela sobre
o povo.

(...)"As 7 e 50 a operação estava
terminada e com êxito. "Foi uma
tarefa complicada e tremenda, mas
ainda bem que acabou em bem —
disse-nos o coronel Carvalho.
Rompiam já o dia. Nas imediações os
curiosos aproximam-se. São
homens e mulheres alguns para
tomar parte na continuação da luta,
quixistia".

— Durante a permanência
das forças militares na área nunca
em qualquer ocasião, houve
confrontação ou conflitos violentos
entre os for militares e quer
elementos da manifestação que
assistiam ao de senrolar dos
acontecimentos quer mesmo com
os grupos que se manifestavam".

PELO ANIVERSÁRIO DO INÍCIO DA LUTA ARMADA EM ANGOLA MENSAGEM DO PRP-BR

CAMARADAS,

Este aniversário do início da luta armada em Angola é o primeiro
depois de ser reconhecido o direito à independência e deste
reconhecimento se ter materializado nos acordos da Penina.

O PRP-BR sempre afirmou a sua solidariedade com a luta do
povo angolano e dos povos das outras ex-colónias e levou essa
afirmação ao centro mesmo de sua prática política. Assim, golpeou
a máquina de guerra colonial com acções armadas em diversos
Quartéis Gerais e noutros centros do Exército, e entregou aos
Movimentos de Libertação mapas do Estado Maior de que se havia
apropriado. Essas acções constituíram um efectivo contributo à
luta dos povos coloniais pela sua libertação.

Hoje como ontem, o PRP-BR desenvolve esta linha de soli-
diedade internacionalista.

A luta do povo angolano e o combate dos trabalhadores por-
tugueses encontram-se, nas presentes circunstâncias unidos,
estreitamente.

O nosso partido reconhece o MPLA como o único Movimento
que representa o povo angolano e que o conduz na luta an-
ti-imperialista, como o único Movimento progressista e empenhado
no fim da exploração dos trabalhadores de Angola.

Também nós, camaradas, travamos uma luta anti-imperialista. O
nosso país encontra-se ameaçado como o vosso, pela intervenção
do imperialismo. Em Angola esta intervenção pretenderá o es-
tabelecimento de uma ligação neocolonialista. Se o imperialismo ti-
ver êxito neste seu propósito, a independência pela qual lutastes
duramente será uma mera ficção pois que a subordinação mais
estreita se estabelecerá sobre uma fantasmagórica independência
política. Se aí o imperialismo tiver êxito os trabalhadores angolanos
passarão a trabalhar para outro patrão e continuarão explorados co-
mo, antes, no seu trabalho e espoliados das suas riquezas, embora
tal se passe a fazer de forma diferente da anterior.

Em Portugal, a luta de classe dos trabalhadores tem de ser,
forçosamente, uma componente anti-imperialista. Sem uma luta
anti-imperialista, sem que nela se estabeleça uma relação de forças
que seja favorável aos trabalhadores portugueses, estes não po-
derão quebrar a grande dependência comercial, financeira, tec-
nológica e política em relação ao capitalismo internacional e não
poderão conquistar primeiro e exercer depois o poder político do
aparelho de Estado.

Perante o mesmo inimigo, os povos Angolano e Português terão
de ser solidários no seu combate. Solidariedade para a qual é
necessário encontrar formas concretas, solidariedade que é
necessário tornar poderosa e real factor de vitória na nossa luta.

O MPLA é o guia do povo angolano neste combate e a expressão
organizada dos seus anseios de progresso e de libertação e o
PRP-BR considera, por isso, este movimento como uma organi-
zação fraterna.

Além disso, o processo sócio-político angolano liga-se in-
timamente à evolução política portuguesa. Se em Portugal vingar
um golpe de Estado fascista, a independência real de Angola está
comprometida. A vossa independência avança também por
caminhos portugueses. Por outro lado, a evoluç ao da situação
angolana no sentido de um neocolonialismo e as formas de luta
política que o podem servir, aumentam em Portugal as possi-
bilidades da reacção, e isso a tal ponto que podem conduzir o
fascismo à vitória. Aqui também, os revolucionários portugueses
têm a consciência de que a vossa luta completa a deles.

O PRP-BR saúda o povo de Angola e o MPLA e afirma-lhes a
sua solidariedade mais actuaentes.

Comissão Política

4 DE FEVEREIRO 1975



OLHÃO A LUTA DOS PESCADORES CONTINUA

A região do Algarve mais uma vez é afectada por conflitos de trabalho entre patronato e trabalhadores, ontem foram as operárias conservadoras de Olhão que lutavam por um justo aumento de salário hoje são os pescadores que lutam por melhores condições de vida, pois como sabemos os pescadores sempre têm sido o principal alvo da exploração e têm so-

brevidade debaixo das mais precárias condições.

Os trabalhadores de Olhão têm um historial combativo, e hoje novamente estão em pé de luta, e ao termos conhecimento do conflito dirigimo-nos lá, fizemos uma entrevista a qual passamos a transcrever:

Revolução: Constou-nos que os pescadores da região têm estado

em greve. O que os levou a assumir essa posição?

Resposta— Até este momento não quisemos dar publicidade às nossas reivindicações na medida em que pretendemos acima de tudo chegar a acordos com os armadores. No entanto, quando verificámos na prática que era impossível encontrar uma solução para o nosso problema, e, depois de termos esgotado todos os recursos através de quase dois meses de negociações, já que, em 25 de Novembro apresentamos o nosso caderno reivindicativo e sem obter uma resposta satisfatória, fomos obrigados a assumir uma posição que nos levou à greve.

Revolução: Depois dessa data qual foi a vossa atitude relativamente aos armadores?

Resposta— Convidámos o Grémio dos Armadores da pesca da sardinha para discutir das nossas reivindicações e para encontrar uma solução adequada, esta resposta foi negativa, e, perante a nossa insistência apresentaram uma proposta que se resumia a uma cópia de números que de maneira nenhuma interessavam aos pescadores. Entretanto, o Grémio dos Armadores enviou uma cópia desta resposta ao Ministério do Trabalho e ao Secretário Geral das Pescas.

Revolução: E quais foram os resultados dessa deliberação?

Resposta— Foram nulos.

Revolução: Perante esta situação qual foi a vossa decisão?

Resposta— Não tivemos outro recurso que não fosse o de recorrer à greve, mas frizámos bem que só nesta ansia fomos coagidos, na defesa dos interesses da classe, a endurecer a nossa posição.

Revolução: Até que ponto pensam continuar a greve agora iniciada?

Resposta— Continuaremos a greve até que sejam satisfeitas as nossas justas reivindicações dado que a proposta que nos foi apresentada pelo Grémio é pura e simplesmente inaceitável.

Revolução: Quais são as vossas reivindicações?

Resposta— 18\$00 por cada conto de pesca vendida, que até este momento é de 15\$00.

2.º 5 kilos de peixe para alimentação por companheiro.

3.º Garantia de salário mínimo nacional de 3.000\$00 durante todo o ano, quer se vá ou não para o mar.

4.º Um mês de férias.

5.º Décimo terceiro mês.

6.º Seguro de vida no valor de 150 contos em caso de morte ou de invalidez.

E ainda outras reivindicações de menor valia que não se revestem dum interesse fundamental.

Contudo, tendo-se verificado por parte dos armadores uma hostilidade a satisfazer estas reivindicações e no intuito de evitar a greve com todas as repercussões de que ela se iria revestir, resolveram os pescadores, em

Assembleia Geral, reduzir as suas reivindicações para os seguintes termos:

1.º redução do período de férias que seria apenas de 15 dias;

2.º eliminação do subsídio;

3.º 17\$00 por conto em vez dos 18\$00 inicialmente reivindicados;

4.º redução do salário a pagar ao contra-mestre de 17\$00 para 16\$00 por conto.

Revolução: Qual foi a posição dos armadores perante a vossa proposta de redução das reivindicações?

%Resposta— Praticamente nula e em certos aspectos atingindo características irrisórias, chegaram ao cúmulo de oferecer o aumento ao remendador de bordo de \$25 por conto e aos mestres de terra \$50 por conto e ainda reduzir o número de tripulantes de 21 para 19 o que viria aumentar o desemprego.

Revolução: Qual era o volume em peso de peixe para a caldeirada?

Resposta— 10 kilos por companheiro. **Revolução:** Qual foi a vossa resposta à contraproposta dos armadores?

Resposta— Como não podia deixar de ser a nossa posição foi de repúdio, pois que estas condições de maneira nenhuma podiam ser aceites pelos pescadores, tanto mais que, até se propunha suprimir a caldeirada, hábito tradicional nas fainas piscatórias que já vêm do tempo dos nossos bisavós.

Como recompensa propunham-se atribuir-nos um "tobolola" equivalente a 60\$00 o que de modo nenhum seria para nós uma recompensa aceitável.

Revolução: Foi então que decidiram ir para a greve?

Resposta— Claro, depois de esgotados todos os meios de que dispunhamos, não tivemos outro recurso senão o de enveredar pela paralisação geral do trabalho ao nível de todo o Algarve. Queremos no entanto salientar que no espírito de não causar prejuízos desnecessários aos armadores o delegado sindical foi até ao ponto de recomendar aos pescadores que recolhessem para bordo de uma traineira uma rede que se encontrava sobre o cais disposta a ser devorada pelos ratos, por outro lado ainda o delegado sindical pediu aos pescadores para não se deixar arrastar por sentimentos hostis para com os armadores evitando

discussões em público que perante a má receptividade de que estes últimos não deixariam de dar provas que poderiam degenerar distúrbios.

Revolução: Prevêm os pescadores a criação de piquetes na praia, de natureza a impedir que possam surgir tentativas, por parte dos armadores de arrastar alguns pescadores num processo de "fura greves"?

Resposta— A classe está vigilante, animada de um espírito solidário e confiamos inteiramente na sua isenção e espírito de classe para impedir que tal facto se possa verificar.

Revolução: E não receiam quaisquer actos de sabotagem por parte de elementos de terra?

Resposta— Como já atrás dissemos estamos inteiramente confiantes num espírito de solidariedade de todos os pescadores aos quais fizemos um apelo para não se deixarem aliciar por quaisquer convites que lhes sejam feitos a efectuar, em terra, qualquer natureza de trabalhos.

Revolução: O que é o Sindicato livre dos pescadores de Olhão?

Resposta— É uma comissão de pescadores eleita democraticamente, em Assembleia Geral tendo por representantes 13 pescadores, representativos dos 3 ramos de actividade que são a pesca da sardinha, do arrasto e do artesanal.

Revolução: No caso de se verificar que os delegados eleitos não cumprem as deliberações da classe, que disposições prevêm tomar?

Resposta— Pois, no caso das deliberações da classe não serem executadas pelos representantes da classe convocar-se-ia uma Assembleia Geral à qual seriam feitas propostas para que esses elementos fossem revogados.

Revolução: Em suma defendem a organização autónoma da classe?

Resposta— Incontestavelmente. Não permitiremos no nosso sindicato manipulações de qualquer partido.

Somos pela:

Organização autónoma dos trabalhadores

Pelas justas reivindicações dos pescadores
Sim à Greve

Contra a exploração do homem pelo homem
Abaixo a exploração capitalista

MENSAGEM À ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

Camaradas,

O Partido Revolucionário do Proletariado—Brigadas Revolucionárias afirma a sua solidariedade com os deficientes das Forças Armadas, não na base de um humanitarismo, mas sim num plano revolucionário pois que o seu combate não pode deixar de estar integrado na luta das classes trabalhadoras contra o capitalismo e pela Revolução Socialista. O PRP—BR lembra:

— que o modo de produção capitalista engendra as guerras e que as forças armadas, que normalmente são um instrumento activo dos interesses de classe da burguesia, pagam uma parte do preço da sua realização;

— que não existe imperialismo, das suas formas mais retrógradas às mais actuais, sem conflitos entre nações, por vezes armados, e sem que certos povos puguem em armas, como último recurso, para conseguirem a sua independência nacional e a sua libertação;

— que a burguesia, quando explora os trabalhadores, está sempre interessada na maior rentabilidade e produtividade, isto é, na maior criação de mais valia, e não pode deixar de marginalizar os deficientes por serem menos produtivos;

— que esta marginalização, por vezes expressa numa maior exploração, só pode acabar quando dominar na sociedade o modo de produção socialista e quando os trabalhadores e o proletariado possuem o poder político do Estado;

— que o socialismo apenas se constrói na medida em que se luta contra o imperialismo e em que, nessa luta, se estabeleça uma relação de forças que seja favorável aos trabalhadores para virem a vencer, finalmente, esse imperialismo, extinguindo-o em definitivo;

— que a sociedade socialista é aquela onde existem as condições de integração dos deficientes que serão, na comunidade do trabalho, trabalhadores iguais a todos os outros, construindo, pelo trabalho e pela gestão colectivas, as bases de uma nova sociedade, a sociedade comunista.

É por isso que o PRP—BR afirma a sua solidariedade com os deficientes das Forças Armadas e considera que, lutando com os trabalhadores pela Revolução Socialista e contra o imperialismo, dá a essa solidariedade a única forma prática que ela pode assumir, isto é, a forma revolucionária. Camaradas, vivemos uma situação grave que não deixarão certamente de analisar na vossa sessão de esclarecimento. As manobras da NATO são uma forma de pressão e uma ameaça aos trabalhadores e revolucionários portugueses. No quadro do continuo agravamento da crise económica, os partidos da coligação dividem-se e hostilizam-se, inquietos pela instabilidade do poder político e pela luta dos trabalhadores, na sua nova fase, e incapazes de terem um projecto em comum que defenda os interesses de toda a burguesia. É nestas condições, que os partidos burgueses mobilizam todas as forças possíveis e tentam jogar com a força que vós próprios constituídes. A reacção ensaia abrir caminho para realizar o seu contragolpe.

Na hora presente, o combate contra a reacção e contra o fascismo é a mesma luta que os revolucionários e os trabalhadores travam pela Revolução Socialista. Este é um combate de classe em que todos os trabalhadores se integram. É um combate que só organizadamente se pode tornar vitorioso e, nessa medida, não é uma luta que dispense velhos ou jovens, homens ou mulheres, civis ou militares, deficientes ou não. Na luta armada, dizia Lenine todos podem participar, até os cegos e os surdos, porque os cegos ouvem e os surdos vêem. **UMA SÓ SOLUÇÃO: REVOLUÇÃO SOCIALISTA!**



AOS TRABALHADORES DA LISNAVE

"A EMANIPAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES"

— KARL MARX

Nós somos um partido comunista que luta pela total emancipação das classes trabalhadoras.

Nós somos um partido revolucionário que luta pela organização autónoma dos trabalhadores, no sentido de que estes se devem organizar no local de trabalho, sem subordinação. Isto não quer dizer, antes pelo contrário, que os militantes dos partidos não devam estar lá. O que não podem é controlar ou sabotar as lutas dos trabalhadores. Nós somos pela Revolução Socialista, pela Ditadura do Proletariado, pelo Internacionalismo Proletário. Com a Ditadura do Proletariado queremos dizer a ditadura exercida pela classe contra a burguesia. Mas ditadura exercida através dos sovietes ou conselhos da classe e não por qualquer partido em nome da classe.

No momento político que atravessamos é preciso muita vigilância e, sobretudo muita organização. É cada vez mais claro que a reacção se reorganiza e conta com a participação de alguns partidos da coligação governamental. Se não houvesse outros indícios, seria suficiente prestar atenção às recentes declarações de dirigentes do PPD e do PS.

A direita e o reformismo já compreenderam que a situação política criada é irreversível, que as

classes trabalhadoras não aceitam pacificamente os salários e liberdades limitados que a burguesia lhes quereria impor. As greves e manifestações, as ocupações de fábricas e de terras levadas a cabo pelos trabalhadores, a crescente politização das lutas, são indicador seguro de que vivamos uma situação pré-revolucionária.

Como já dissemos, o momento que a classe operária vive é de luta. E esta luta pode ser decisiva para o processo revolucionário em que todos os trabalhadores participam numa forma ou noutra. Há camaradas nossos que se organizam, que tentam organizar a classe, para que a nossa luta avance, até acabarmos com a exploração capitalista, com o poder da burguesia e se usarem aparelhos de repressão, até conquistarmos o poder económico e político e a verdadeira democracia para a classe operária.

No esteleiro há camaradas que pertencem a várias organizações políticas e, portanto, não estão de acordo sobre todos os pontos, mas os operários da Lisnave sabem quem têm estado à frente das lutas da classe antes e depois do 25 de Abril. Como habitualmente, e com intenções de boicote, a célula da Lisnave do PCP lançou, a 29-1-75 um comunicado miserável de calúnia à nossa luta e a camaradas nossos. A célula do PCP começa

por se proclamar a "vanguarda dos trabalhadores" para se impor à classe para recuperar o prestígio que perdeu nas lutas. A vanguarda da classe operária não é constituída pelos chefes e administrativos pequeno-burgueses que compõem a célula do PCP. (Isto não exclui a existência de muitos militantes

honestos, de verdadeiros lutadores que andam enganados). Na vanguarda da classe não há lugar para os traidores que furaram e fizeram campanha para furar a nossa greve, não há lugar para os bufos, para os caluniadores e denunciadores de militantes operários a quem vergonhosamente alcunham de grupelhos. O PCP arregimentou os trabalhadores para fins eleitoralistas e desviou-os das verdadeiras lutas da classe. O PCP diante das lutas perde a cabeça e quando não consegue desviar a classe da luta calunia os militantes que julga estarem à frente das mesmas e nesse caso é o PCP que se transforma em grupelho contra toda a classe em luta como aconteceu na greve e na manifestação da Lisnave. A luta das classes trabalhadoras é fundamentalmente uma luta contra o sistema de exploração capitalista e não apenas contra os monopólios como afirmam os reformistas. Todos os patrões são exploradores, sejam pequenos ou grandes. Só

quando acabarmos com eles acabará a exploração. E isso não vai com votos. Contra a força armada dos patrões, só a força revolucionária da classe é capaz de assaltar o dinheiro e as armas da burguesia fazendo a Revolução Socialista.

A nossa luta, camaradas, é pela organização e unidade de todos os trabalhadores, contra a reacção, contra o fascismo, contra o capitalismo.

Quando alguns partidos tentam aproveitar-se dos trabalhadores para servir os interesses do partido estão a cavar divisões no seio da classe, atirando trabalhadores contra trabalhadores, fazendo na prática o jogo da reacção.

A redução do leque salarial a três categorias de operários é um passo enorme na unidade dos trabalhadores da Lisnave para futuras lutas. Os cadernos reivindicativos iniciais têm sido sucessivamente melhorados a partir da discussão e das propostas dos trabalhadores da ferrugem. Nós não queremos só dinheiro. Queremos condições de trabalho e garantias sociais. Queremos a unidade de todos os trabalhadores da Lisnave e da Setenave que defenda os interesses do operariado.

A partir das posições tomadas pelo PCP no seu comunicado de 29-1-75 e da campanha sistemática

organizada contra os operários delegados que apresentaram os primeiros cadernos, a partir das posições de boicote tomadas pelos seus chefes e administrativos em assembleias de delegados e trabalhadores, torna-se claro que a luta dos operários da Lisnave não interessa a esse partido reformista.

Nós somos pela unidade e não admitimos que traidores e amarelos nos dividam e enganem os trabalhadores. Na Assembleia Geral de Trabalhadores do dia 3 a maioria orquestrada pelo dito partido votou a não participação oficial da Lisnave na grande manifestação operária do dia 7 contra o desemprego. Foi uma vitória vergonhosa do PCP e uma derrota para a classe. Os operários da Lisnave sabem que o desemprego é a fome e a miséria para centenas de milhares de camaradas.

A nossa solidariedade com os desempregados levou os montadores da doca 10 a propor a abolição das horas extraordinárias e a criação de novos empregos. A nossa participação na manifestação operária do próximo dia 7 contra o desemprego não obedece à batuta de nenhum partido, mas à nossa consciência de classe e sentido de solidariedade.

PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA
VIVA O COMUNISMO
Célula da Lisnave do PRP — BR

O MOMENTO POLÍTICO

domínio das bases do trabalho e agem em desespero de causa. Perdidas as eleições dos CTT e dos Bancários do Norte, perdido o Sindicato dos Plásticos, ameaçando perder os TLP e outros, vendo abalada a própria estrutura sindical, que é distorcida e cupulista, os sindicalistas reformistas agem aventureiramente na provocação. Comandos assaltando o Sindicato dos Químicos, folhetos provocatórios contra um dirigente dos CTT e por fim o infame comunicado da União dos Sindicatos do Sul contra a manifestação das comissões de trabalhadores.

Lê-se entretanto no Expresso de 1 de Fevereiro que se formaram "secções Socialistas de Assalto" para defesa do P.C., da F.S.P. e do M. D. P. em relação aos social-anarquistas. Decerto é provocação do Expresso! Mas até à data ainda não temos nenhum desmentido em jornal nenhum. Será para entretanto o boato ir pairando?...

A luta pelo poder é pior que o fanatismo religioso. Pode levar à catástrofe, pode levar ao crime.

Entretanto, como diz o próprio P.S. o Plano Económico Melo Antunes (que é capitalista) já ultrapassa o Plano de Emergência aprovado pelo congresso do P.C.

Mas de vez em quando um

dirigente da esquerda do P.C. tem um desabafo... de esquerda. Em Bragança, Jaime Serra ataca as democracias burguesas e a social-democracia, de fende a "propriedade colectiva dos meios de produção" e o "socialismo científico". Mas isto nos confins do mundo, em Bragança... exactamente onde isto deve ter sido compreendido por uma ou duas pessoas da assistência. Exactamente onde isto é inofensivo.

A DIREITA. A NATO

É legítimo perguntarmo-nos onde e como está a CIA? Há uma certeza que temos — Portugal neste momento deve estar enameado de agentes daquela organização, que se tentam enfiar por todo o lado. Pelos partidos políticos, pelas instituições, pelo Governo, pelas F.A. E terão logicamente, dois tipos de actividade: informação e pressão. Mesmo que não consigam pressionar a política portuguesa num, sentido ou noutro, há uma coisa que conseguem — obter informações. Terreno de liberalidade e de políticos recentes e ingénuos na sua maior parte, a cena política portuguesa deve ser manteiga para as mosas da CIA. Informações portanto terão e

muitas. Mas o mais perigoso serão as formas de pressão, os maneios que conseguem obter. A coincidência entre a presença dos homens da NATO em Lisboa e outros variados acontecimentos, faz pensar. Congresso do CDS, Congresso do PDC, agravamento das tensões do poder político, ameaças de ruptura, presença de técnicos de saúde...

Uma coisa temos que ter como certa. A direita portuguesa que tem uma fraca base de apoio tanto militar como civil, sente neste momento as costas quentes. A direita portuguesa neste momento é um amigo que esconde uma montanha. Montanha essa que se não fizer mais nada há uma coisa que faz — atemoriza.

E quando há um PC que faz um comunicado a dizer para a população oferecer "recordações" aos homens da NATO, é dum ridículo... inacreditável, mas perigoso.

A direita sente-se portanto amparada. E disfarça, o que é suspeito. Na sua habitual da semana, o artigo de Marcelo Rebelo de Sousa no Expresso de 1-2-75 minimiza os exercícios da NATO, diz que não é tanto assim. E mais adiante, e sem ser a propósito, fala acusatoriamente da concretização entre a população e as F.A. no Porto na manifestação anti-CDS. Sá Carneiro em Aveiro

rompe o protocolo da democracia e fala abertamente de "ruptura". Dá por desprezadas as eleições, a Constituinte e tudo mais e previne seriamente contra a "revolução". "Chegámos a um ponto de ruptura" diz. Como é que a quer fazer Sr. Sá Carneiro?

Por outro lado o Bispo do Porto dá o seu aval eclesástico às posições de direita, com a autoridade de ex-perseguido pelo fascismo. Expulsa o prelado Mário de Oliveira do Conselho Presbiterial e fala em termos caetanistas: "ameaças de dissolução social", "queda do Poder na rua", "violência pela violência", apelando para a clássica "Reconciliação entre os portugueses". Como o português operário da Siderurgia não está disposto a reconciliar-se com o português Champalimaud e não se sabe mesmo se falam a mesma língua, podem senhores bispos ir pregar a reconciliação para os céus...

AS LUTAS CRESCEM

Foi no Norte que começou a onda de lutas que durou todo o mês de Janeiro. Mas agora é de novo no Sul que elas se acendem. Ocupações de terras defendi das de caçadeira em punho, ocupação dum colégio em Prouença-a-Nova, ocupação dum prédio no Lumiar, revoltas nos bairros da Lata. E a

grande e organizada onda contra o desemprego. Trinta e oito empresas da região de Lisboa e Setúbal organizadas em Assembleias e comissões eleitas preparam-se para lutar efectivamente contra o desemprego. Têm propostas concretas, mas também têm a clara ideia de que só a luta contra o capitalismo e o seu derrube resolverá os problemas. São empresas onde está o proletariado mais consciente e mais desenvolvido. É deles, dos trabalhadores rurais que ocupam as terras, dos soldados e dos marinheiros organizados autonomamente que, nascerá a grande força capaz não só de resistir à reacção como de construir o socialismo.

UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

O MOMENTO POLÍTICO

Acabam de se passar "duas semanas de crise", segundo o termo que passou a ser usado. Mas será que a crise acabou, que lhe sentimos o fim?

Observadores de esquerda e direita dizem que não e se nos primeiros a sequência lógica será a habitual ausência de medidas de ordem táctica da esquerda portuguesa, nos segundos aquilo que dizem ou, talvez aquilo que ameaçam, tem o significado pouco subtil do dedo no gatilho. A eles iremos, mas comecemos pela esquerda, (Tendo a generosidade de meter na esquerda, por razões de facilidade de classificação, os partidos reformistas).

AS MANIFESTAÇÕES DO 31 DE JANEIRO

Homens celebradores de datas, os dirigentes dos vários partidos reformistas mistas aproveitaram o apelo histórico dos revolucionários do 31 de Janeiro (esses é que não respeitavam nada...) para mais uma vez renderem homenagem ao MFA. São como os maridos burgueses bem comportados — aproveitam todos os aniversários do casamento, dos batizados, do pedido de namoro) para animarem a esposa. Assim pode ser que tudo se conserve em bem. Deste modo se portam os partidos governamentais e não só — é homenagem ao MFA para aqui, é elogio para ali... Só o que nos parece é que neste caso, que à primeira vista pareceria escandalosa bigamia, nem o chega a ser, porque, ou nos enganamos muito, ou não chegou a haver casamento.

Visivelmente humilhado pela manifestação do dia 14 de Janeiro, o P.S. tinha que tirar desforra, pelo que organizou o seu comício no Pavilhão dos Desportos e convocou por todos os meios uma manifestação para o dia 31 de Janeiro. Essa manifestação tinha possibilidades de êxito, porque beneficiária de intensa propaganda empregada (pela primeira vez souberam arranjar um cartaz que se visse) e porque beneficiária decerto da presença de todos aqueles que aproveitando o factor do antagonismo PS-PC, não se importariam de engrossar a manifestação para o explorar — PPD (que curiosamente não marcou nenhuma manifestação), etc, etc. Daí a chamar-se à manifestação uma nova "maioria silenciosa" vai no entanto um erro de análise que pode conduzir a erros tácticos. A "maioria silenciosa" do 28 de Setembro era constituída por fascistas de longa data, que tentaram um cenário político para um assalto ao poder sob a forma fascista. A manifestação do P.S. era uma organização dum partido social-

-democrata numa afirmação de existência na luta dentro do poder contra o rival mais importante, o P.C. (não se importando, naturalmente, que este saltasse do Governo).

Perante a manifestação do P.S. o P.C. marca outra manifestação, acompanhado dos seus aliados (aliados é um termo tão delicado que até chega a hipocrisia burguesa, porque o que se ouve para aí é PC1, PC2, PC3). Curiosamente a manifestação tinha um percurso que acabava por ir ao encontro (ou de encontro, ou de encontrão...) da do P.S. A coisa cheirava já bastante a jogo de futebol.

O que é interessante é que estes tranquilos partidos — P.S., P.C., MDP-CDE, MES e FSP — tão moderados de maneiras e que tanto se indignaram com a manifestação do Porto contra o CDS, partido fascista, estavam dispostos a manifestarem-se uns contra os outros, transformando possivelmente a cidade numa batalha campal, sob o olhar vigilante da esquadra da NATO no Tejo.

Valentes senhores, que são capazes de tudo pela luta pelo poder!

E foi necessária a proibição formal vinda do Conselho dos Vinte para que as manifestações não se dessem.

Será que os confrontos de rua que decerto se iam dar, provocariam uma situação em que havia que recorrer a medidas especiais? Uma alteração governamental profunda? Um alargamento da coligação? Ou um governo militar que englobasse homens de pensamento reformista? Nunca se sabe e talvez nunca se venha a saber. As manifestações do 31 foram canceladas. Os planos reformistas e os planos de direita ficaram gorados. Quais eram? Ninguém estava inocente. No entanto, duas manifestações persistiram — a do MRPP e a do MES. Naturalmente que toda a gente esperaria que a primeira se mantivesse — faz parte da táctica daquele movimento o não tomar em conta as circunstâncias do momento nem as contradições do poder político. Mas a resolução do segundo não pode deixar de confundir. O MES tem por hábito desde o 25 de Abril convocar e desconvocar manifestações. Que saibamos só levou a cabo com êxito a manifestação contra os monopólios realizada enquanto o Governo discutia o Plano Económico. Vergonhosamente desconvocou no próprio local a manifestação em defesa de Anjos e Marvão, que eram seus militantes, quando da prisão destes, e no Porto, mais uma vez vergonhosamente, desolidarizou-se da manifestação contra o CDS quando as coisas começaram a

correr para o lado da violência, juntand-se ao coro do PC e do MDP-CDE, com os cansados argumentos habituais. Certos activistas políticos, que não são militantes das lutas de massas, mas são uma espécie de aguadeiros dos trabalhadores (andam sempre atrás com o cantil de água, a animar as coisas), não percebem nunca que a revolução é violenta, que a tomada do poder é violenta, que a ditadura do proletariado é violenta. Assumir ou não esta violência é realmente uma posição de classe. É legítimo portanto estranhar a persistência na manifestação do MES, que, qual MRPP, não voltou atrás. Claro que as coisas acabaram, mais uma vez, em três rápidos discursos em Entrecampos e ...desconvocação. Mas qual era a intenção do MES? Fica-nos a grande dúvida, que, repetimos, é legítima.

O CASO DA A.O.C.

A A.O.C. é a Aliança Operária-Camponesa, resultante em grande parte dos militantes do P.C.P. (m-l) e constituída com vista às eleições. Tem um jornal que é a "Voz do Trabalhador" do alto do qual tem julgado de ponta a ponta as organizações políticas portuguesas, mettendo toda a esquerda revolucionária no caixote do lixo e auto-elegendo-se no único partido da classe operária.

Dum momento para o outro a A.O.C. surge com estrondo, porque na polémica "pluralismo-unicidade sindical" tomou partido ao lado do P.S., participou no comício deste partido e ia participar na manifestação de 31 de Janeiro também organizada pelo P.S. Este seu comportamento valeu alguns títulos de caixa-alta em semanários e diários (especialmente a República), onde se dizia que a extrema-esquerda apoiava o P.S. o que contribuiu largamente para a confusão já existente.

Os motivos que levaram a AOC a apoiar o PS baseiam-se numa análise da realidade que nos parece totalmente errada. Assim a AOC segundo as palavras dos seus dirigentes considera que estamos em democracia burguesa e que devemos consolidar e assentar na estabilidade da democracia burguesa, para depois, com tempo e calma, organizar o proletariado para a revolução socialista. Consideram ainda que o grande inimigo da democracia burguesa é aquilo a que chamam o "social-fascismo" e que portanto é necessário combatê-lo. Ora acontece que esta análise política enferma dum erro a que se pode chamar idealismo — só pode pensar que o país se está a estabilizar em democracia burguesa quem não pense que na base de tudo está a situação económica, quem não for materialista. A si-

tução económica portuguesa, em crise profunda e aguda, não tem remédio dentro do sistema capitalista e agrava-se de dia para dia — o país não vai estabilizar em democracia burguesa.

E assim como é erro de análise pensar na estabilização da democracia burguesa, assim é um erro pensar nas possibilidades de êxito dum golpe a que se chama "social-fascista". Considerando que se dá este nome (que rejeitamos) a uma tomada de poder pelo Partido Comunista, sob a protecção da URSS, é mais uma vez não considerar as actuais circunstâncias de Portugal, que proporcionam que aquele partido e aquela potência não possam, nem queiram, estabelecer neste país um regime controlado pelo Pacto de Varsóvia. Tomariam eles, tal como os dirigentes da AOC que isto tudo estabilizasse em democracia burguesa. E por isso falam sempre na "consolidação da democracia" e foram dos primeiros a legalizar-se, oferecendo cinco mil nomes à posteridade, mesmo que seja ao Spinochet.

Um sistema socialista se se instaurar em Portugal, não é sob a égide do Partido Comunista, mas sob a direcção, o controlo e a execução dum larga organização de massas, saída das bases e por estas largamente eleitas e representativa. O proletariado das zonas industriais e dos latifúndios não aceita dono, nem patrão, como tem demonstrado. É aliás a única forma de aqui ser possível a vitória dum sistema socialista, num país que começará de muito baixo — só se cada trabalhador sentir que produz e que dirige para si e por si. Enganam-se portanto aqueles que levantam o peão do "social-fascismo" e demonstram desacreditar das possibilidades do proletariado português bem mais desenvolvido que o de outros países, onde há dezenas de anos se instaurou o socialismo.

E os seus argumentos, em defesa da "democracia" e da "liberdade" e contra os "golpes de esquerda" acabam por se confundir com o palavreado mais reaccionário e por lhe fazer o frete.

OS PARTIDOS REFORMISTAS PERANTE A CRISE

Perante a crise do poder político, que já ninguém sabe onde é, que está e como é que é, os dois partidos reformistas entram em atitude de desespero.

O P.S. devido às sucessivas posições de direita dos seus dirigentes desmembra-se aqui e acolá e esboroa-se desde o seu Congresso. A direcção e particularmente o seu secretário-geral definem-se como uma posição social-democrata, à europeia, defendendo o Ocidente e no fundo o Imperialismo.

Quando Mário Soares diz que rejeita qualquer "ditadura", mesmo a "de extrema esquerda quando rejeita o golpe de esquerda (entrevista à República de 31-1-75 e comício de Beja de 1-2-75), está a defender o estabelecimento da democracia burguesa e a combater a tomada de poder pelos trabalhadores que tem de assumir sempre a forma de ditadura, ou seja o controlo absoluto do aparelho de Estado (senão a burguesia volta ao poder). Quando Mário Soares desenvolve a teoria, no que se diz acompanhado dos dirigentes do PC espanhol, da Roménia e da Jugoslávia, de que uma democracia popular em Portugal prejudicaria muito a política de segurança, está a defender o conservadorismo que, esse sim, permite realmente que o inimigo não se alerte. (Porque é que se há-de alertar?) Quando defende a permanência de Portugal na NATO, solidariza-se com o Imperialismo.

A par dum P.S. que define à esquerda no programa e à direita na actuação, o P.C. surge com os traços clássicos dum partido comunista à europeia, que abandonou os objectivos revolucionários, mas que não tem a contra-partida dos grandes partidos de massas dum Itália ou dum França. Impossibilitado pela sua presença no Governo de acompanhar as grandes lutas dos trabalhadores o PC e as organizações sindicais que controla perderam completamente o

Continúa pag. 7

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME

MORADA

LOCALIDADE

PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral — 60000
Anual — 120000

PAGAMENTO: Em cheque
Em Vale

APARTADO 4117-LIS.-4